

DOSSIÊ TEMÁTICO Infância e Escolarização

O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE IRMÃOS DE ACORDO COM A POSIÇÃO NA FRATRIA

Fernanda Belinassi Balarini¹

Geraldo Romanelli²

Resumo: As relações entre os pais e a prole tendem a se manifestar de modo específico de acordo com a ordem de nascimento dos filhos, que constituem a fratria, conjunto de irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Em virtude disso, o processo de escolarização e o desempenho escolar dos filhos pode ser diferenciado conforme sua posição na fratria. Este trabalho teve por objetivo analisar o modo como é efetuada a socialização e o processo de escolarização segundo a ordem de nascimento de cada integrante da fratria de oito famílias das camadas médias de Ribeirão Preto-SP, com mais de dois filhos entre 15 e 25 anos, frequentando ensino médio ou superior. Os dados foram coletados através de entrevistas gravadas com o pai e com a mãe de acordo com um roteiro semi-estruturado. A análise dos dados indica melhor desempenho escolar dos primogênitos e a dificuldade parental em estabelecer comparação entre os filhos uma vez que os pais se esforçam para proporcionar à prole as mesmas oportunidades de escolarização.

Palavras-chave: Escolarização dos filhos. Família. Fratria. Irmãos. Ordem de nascimento.

¹ Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo (USP). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Neurologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP.

² Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE). E-mail: geromane@ffclrp.usp.br

As famílias e o processo de escolarização dos filhos

Famílias, qualquer que seja a forma de sua composição, constituem unidades de reprodução biológica e social (BOURDIEU, 1997; DURHAM, 1983) e, enquanto tal, pais e mães devem cuidar dos filhos oferecendo-lhes amparo, proteção, afeto, além de socializá-los adequadamente, transmitindo-lhes e inculcando neles normas para a convivência social. Especialmente em famílias das camadas médias, um aspecto significativo do processo socializador é promover a escolarização dos filhos e orientá-los no processo de aquisição de conhecimento e, sobretudo, na obtenção de um diploma, considerado essencial para que eles possam ocupar postos de trabalho bem remunerados no futuro, assegurando sua mobilidade social e a reprodução das condições socioeconômicas da família. Essa postura das camadas médias demanda investimento financeiro em escolas particulares, consideradas por essas famílias como de melhor qualidade e, conseqüentemente, mais adequadas para promover as aspirações parentais (ROMANELLI, 2011).

Diversas pesquisas têm se debruçado sobre a relação entre a atuação da família no processo de escolarização dos filhos, como mostram alguns trabalhos, dentre os quais os de Alves (2010), Bittencourt (2002), Canêdo (2002), Glória (2005, 2007), Grün (2002), Nogueira (2002, 2005, 2006), Perez (2007, 2009), Romanelli (2003, 2009, 2011), Setton (2002), Szymanski (2001), Viana (2005) além dos artigos reunidos em coletânea organizada por Nogueira, Zago e Romanelli (2011). De modo geral, esses trabalhos analisam a importância da orientação de famílias de diferentes camadas sociais no processo de escolarização dos filhos, apontam os investimentos tanto financeiros quanto sociais nesse processo, enfatizando o significado dos estudos e as diversas estratégias educativas parentais utilizadas para promover o bom desempenho escolar da prole.

Ao lado do crescente interesse na relação entre família e escola há um número ainda reduzido de pesquisas comparando e analisando a escolarização de irmãos no contexto familiar. Algumas reflexões sobre

essa temática encontram-se em trabalhos como os de Cia, Pamplin e Williams (2008); Fernandes, Alarcão e Raposo (2007); Glória (2005, 2007); Magalhães (2008), Sampaio (2007) e Tavares (2004). No exterior, há estudos bastante significativos, dentre outros, os de Barroso (2008), Black, Devereux e Salvanes (2004), Desplanques (1981) e de Kristensen e Bjerkedal (2006).

Ordem de nascimento e o desempenho escolar dos filhos

As formas de sociabilidade na família são permeadas por relações afetivas entre seus integrantes, nem sempre positivas, mas que, na maior parte dos casos, são também atravessadas por tensões, conflitos e disputas. Apesar disso, os genitores atribuem um valor afetivo aos filhos, que pode ser variável em função do sexo e da ordem de nascimento de cada um deles e nem sempre lhes oferecem as mesmas expressões de afeto, nem condições ou oportunidades de estudo equitativas (DESPLANQUES, 1981; ROMANELLI, 2003). Devido a isso, podem-se estabelecer posturas diversas nas relações dos genitores com os componentes da fratria, que é constituída pelo grupo de irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe.

Analisando a relação entre a ordem de nascimento, referida à posição dos filhos na fratria, e o desempenho escolar de irmãos, Desplanques (1981) documentou que há maior escolaridade, muitas vezes seguida de melhor desempenho escolar, dos primogênitos. Segundo esse autor, uma explicação para isso refere-se ao fato de que os pais mostram-se mais empenhados e dedicam mais tempo aos primogênitos, uma vez que, por determinado período de tempo, foram filhos únicos, recebendo maior atenção parental. Outra possibilidade de interpretação reside no fato de os pais depositarem mais expectativas no primeiro filho que pôde contar, durante certo tempo, com maior atenção e cuidados de seus genitores.

Pesquisa realizada por Black, Devereux e Salvanes (2004) com a população da Noruega trouxe dados importantes indicando que a ordem de nascimento dos filhos teve efeito significativo em

sua educação e os caçulas apresentaram menor desempenho escolar, enquanto os primogênitos alcançaram maior êxito no processo de escolarização.

Alternativamente, pode-se considerar que, em caso de mobilidade social e econômica da família, os filhos caçulas dispõem de mais recursos financeiros para sua escolarização e também de maior estímulo para os estudos, além de conviverem com pais mais experientes (ROMANELLI, 2003).

No Brasil, as pesquisas nessa área precisam ser mais exploradas. Em estudo comparando a condição do filho único com a do primogênito e não primogênito Tavares (2004) argumenta que tanto a ordem de nascimento quanto o número de irmãos afetam o desempenho escolar de adolescentes. Dessa forma, os filhos únicos, quando comparados aos não primogênitos, apresentaram melhor desempenho escolar, mas as diferenças não se revelaram significativas quando foram confrontados com os primogênitos.

Estudo realizado por Glória (2007) mostrou que além das diferentes formas de composição familiar e do modo de relacionamento em cada família, o sexo dos filhos, a ordem de nascimento e as estratégias educativas para cada membro da fratria afetavam o processo de escolarização dos irmãos. Os resultados dessa pesquisa apontaram maior sucesso dos primogênitos, considerando que foram filhos únicos até o nascimento de outro irmão, recebendo mais atenção por parte dos pais e, simultaneamente, o grau de exigência destes em relação ao mais velho era maior, inclusive quanto ao desempenho acadêmico e aos resultados escolares. Ao mesmo tempo, o primeiro filho ajudava nas tarefas escolares dos irmãos mais novos e adquiria novas experiências nesse processo de transmissão de conhecimento. Em contrapartida, os filhos mais novos eram beneficiados pelas experiências dos mais velhos, o que podia ser bastante vantajoso para os primeiros. Assim, a posição na fratria pode estar associada a outras variáveis como o intervalo de nascimento entre cada um dos irmãos, o tamanho da família e

o sexo dos filhos, o que possibilitaria melhor entendimento dos diferentes desempenhos escolares de cada um dos filhos (GLÓRIA, 2005, 2007).

Embora haja uma tendência de os pais incorporarem o ideal igualitário na atenção, nos cuidados e no tratamento dispensado aos filhos, tal lógica que pressupõe que todos os irmãos devam ser tratados de forma idêntica e equitativa não é efetivamente praticada no âmbito familiar como documentam trabalhos da área das ciências sociais analisados e discutidos por Barroso (2008).

Do conjunto dos vários estudos pode-se supor que as estratégias educativas dos pais são exercidas de modo diverso, mesmo porque a vida familiar é um processo dinâmico que passa por alterações de acordo com as trajetórias dos pais e também dos filhos. No decorrer dessas trajetórias, cada um vai incorporando e acumulando experiências vividas tanto na família quanto em relações que mantém com outras esferas da vida social. É desse modo que, como Lahire (1997) explicita, os membros de uma fratria não vivem em uma mesma família, já que as relações no cenário doméstico estão em constante fluxo. Por isso, a atuação dos pais em relação à escolarização de cada filho tende a ser alterada, sobretudo em função das experiências parentais adquiridas na orientação escolar dos membros mais velhos da fratria.

É nesse contexto que esta pesquisa³ procurou analisar o modo como é efetuada a socialização dos filhos, o relacionamento entre eles e os pais, o processo de escolarização e o investimento parental em cada um dos membros da fratria. Para isso, foram entrevistados oito pais e oito mães de famílias nucleares, compostas por marido, esposa e filhos, das camadas médias de Ribeirão Preto-SP, que tinham dois ou três filhos na faixa etária entre 15 e 25 anos cursando o ensino médio ou superior. A coleta de dados ocorreu em 2008, mediante entrevistas gravadas e transcritas na íntegra, realizadas de acordo com um roteiro semi-estruturado.

³ Pesquisa realizada com bolsa RUSP.

A relação entre pais e filhos na infância e na adolescência

Dos casais entrevistados, sete pais e seis mães têm ensino superior e um pai e duas mães concluíram o ensino médio. Todos os pais exercem função no setor terciário, o mesmo ocorrendo com cinco mães, enquanto duas são donas de casa e uma é aposentada. Do total de 19 filhos, 15 estão matriculados no ensino superior, dois no ensino médio, um faz curso preparatório para vestibular e outro cursa pós-graduação.

Tanto os pais quanto as mães foram unânimes em relatar que procuraram dedicar o máximo de tempo de que dispunham aos filhos quando estes eram pequenos, embora os cuidados com eles tenham sido preferencialmente tarefa da mãe enquanto o pai era encarregado de levar os filhos à escola e a atividades extracurriculares e ficava com eles à noite e nos finais de semana.

Em relação ao tempo e à atenção dedicados a cada filho, a maioria dos casais declarou ter sido bastante semelhante esclarecendo que isso ocorreu devido à proximidade entre os nascimentos.

A gente deu atenção igual pros três. Eu acho que tudo que foi dedicado pra um, foi dedicado pra outro. Porque na verdade eles nasceram muito próximos. (Mãe)⁴

No entanto, três casais afirmaram haver diferença no tempo dedicado aos filhos na infância e que dispensaram mais tempo nos cuidados com o primogênito por não haver outro filho concorrendo pela atenção parental, o que é condizente com as análises de Desplanques (1981).

Primeiro filho tem a preocupação maior porque não é experiente, você não sabe muita coisa, e com o segundo filho talvez com o que você aprendeu lá, aplicava com mais facilidade no segundo. (Pai).

Ao mesmo tempo, os casais observaram e descreveram atributos individuais dos filhos que, desde pequenos, tinham características próprias diferenciando-se dos demais membros da família:

⁴ Após a transcrição das falas utiliza-se "Mãe" ou "Pai" para indicar de quem é o depoimento.

É cada um de um jeito [...] A filha mais velha era mais, mais tranquila, mais quieta, a filha do meio, mais explosiva, o filho mais novo é meio termo. Então, em termos de personalidade, cada um é de um jeito. (Mãe).

Além disso, a percepção dessas diferenças suscitou nos pais certa comparação entre os filhos e por mais que esta não seja claramente enunciada e explicitada, pôde ser observado em algumas falas as diferenças de tratamento dispensado à prole.

Por isso mesmo que eu coloquei ele [filho mais velho] na escolinha porque eu percebi essa dificuldade dele de ficar muito grudado em mim. (Mãe).

Todos os casais se mostraram bastante envolvidos em transmitir conhecimentos aos filhos e o diálogo com eles foi muito priorizado, objetivando inculcar neles certos princípios éticos para nortear suas condutas e para esclarecer o que era certo ou errado:

Sempre entre o certo e o errado, surgindo os fatos, explicava, num dá pra lembrar, né, mas tinha preocupação sim, olha, isso aqui não pode, isso pode, isso aqui pode dar nisso, isso aqui. (Pai).

De modo geral os pais descreveram que o relacionamento entre os irmãos era bom, intercalado com brigas cotidianas, mais frequentes nas famílias com dois filhos. Talvez isso resultasse de que, na presença de um único irmão, a competição e a disputa pelo espaço e pela atenção parental fossem mais focalizadas, gerando mais conflitos.

O ingresso dos filhos na adolescência foi vivido de diversas formas. Aparentemente, segundo alguns casais, não houve mudanças marcantes no comportamento dos membros da fratria. E, nos casos em que os pais perceberam algumas modificações, consideraram-nas passageiras.

Apesar disso, os casais declararam que o processo de amadurecimento dos filhos não foi homogêneo e alguns deles

vivenciaram esse processo de modo mais lento do que seus irmãos. Essas diferenças tendiam a suscitar comparações dos genitores, o que podia levá-los a manifestar preferência por um dos filhos, mesmo que isso não se manifestasse de forma explícita.

A atenção dedicada à prole é a mesma descrita durante a infância e os pais enfatizam a igualdade em suas posturas, embora haja ressalvas quanto às diferenças individuais dos irmãos:

Não, o contato era igual. Era igual mesmo. Mas é o que eu falo, o gênio que é diferente. As personalidades são diferentes. Mas o contato era o mesmo. (Pai).

Se diferenças individuais são percebidas, também o relacionamento durante a adolescência tornou-se um pouco mais difícil, pois os filhos passaram a se envolver mais intensamente em relações com amigos e em atividades de lazer fora do âmbito doméstico, deixando de lado algumas atividades familiares. Mesmo assim, os pais entendem que essas atitudes são inerentes ao processo de desenvolvimento dos adolescentes.

Então nesse aspecto, né, de achar natural, né, porque eles passam a ter a opinião deles, eles passa a ter vontade própria, então você tem que entender que você não pode tá impondo também a sua vontade, mas tem que existir um ponto ali... tem que ter um ponto de apoio. Também não pode deixar e... e... esquecer algumas coisas que é família. (Mãe).

Mesmo afirmando que o relacionamento com cada um dos membros da fratria era bastante semelhante, nota-se que os pais apreendiam as características pessoais de cada filho, o que contribuía para relacionamentos distintos com eles, mesmo que essa diferença de tratamento não fosse claramente assumida:

Eu acho que igual. O filho mais velho é mais tímido, mas quando ele vem também, ele conversa, ele quer atenção. [...] Ele quer que pára o que tá fazendo e que fique prestando atenção nele. (Mãe).

É interessante notar que dois casais com três filhos relataram que a filha do meio reclamou ter “síndrome da filha do meio”, sem um lugar bem demarcado na família. Isso parece indicar que, de alguma forma, a posição na fratria já traz em si significados que são percebidos pelos filhos, mesmo não havendo diferenciação intencional ou perceptível no tratamento parental.

Não, eu acho que tudo que foi dedicado pra um, foi dedicado pra outro. Apesar de que sempre a do meio ... brincava, desde pequena “eu tenho síndrome de filha do meio mesmo, né”. E eu falava “gente, mas a gente nunca tratou como filha do meio. É tão natural pra gente, agir com vocês”. (Mãe).

As declarações dos casais afirmando a igualdade em relação à atenção aos filhos não é suficiente para impedir que eles apreendam essas distinções que produzem sentimentos diversos, como o ciúme:

Ela [filha mais nova] tem ciúmes, é independente, viu, você pode dar a atenção que for que ela tem mais ciúmes; ele [filho mais velho] não, ela tem mais ciúmes... independente, às vezes pode dar até mais atenção pra ela. (Pai).

Os diversos relatos parentais acabam revelando que os filhos percebem a diferença na atenção, no tratamento, nos cuidados e na expressão de afeto que seus genitores dedicam a cada um dos membros da fratria, como documentam Badinter (1985) e Singly (1993). Essa percepção certamente leva cada filho a procurar estratégias para conquistar a atenção e sobretudo o afeto parental, buscando redefinir sua posição na família e perante os pais.

O processo de escolarização

Todos os pais declararam que sempre foi dada muita importância à escolarização dos filhos, a qual é entendida como a base de um futuro mais promissor para eles e para dar-lhes condições de ingressar no

mercado de trabalho e para conquistar empregos bem remunerados e socialmente valorizados. Essa aspiração é acompanhada pela avaliação de que o sucesso da escolarização depende também das características e do empenho de cada filho. Desse modo, os pais reconhecem que não bastam as oportunidades oferecidas aos filhos, mas que estes devem empenhar-se e dedicar-se aos estudos.

É a maneira que a gente tem de preparar eles pro mundo, né. [...] Mas aí vai depender muito de como cada um vai levar isso [...] tem que batalhar pelo que quer, mas sem esquecer as dificuldades que cada um tem. (Pai).

Em relação ao estabelecimento de ensino em que os filhos estudaram, houve predominância de escolas privadas, consideradas como de melhor qualidade. Em quatro famílias todos os filhos frequentaram escolas particulares em todas as fases da escolarização anteriores ao ensino superior, o que implicou em maior investimento financeiro da família:

A gente chegou a se sacrificar um pouco pra poder pagar escola particular pra elas, porque não dá mais pra confiar na pública, né. Ela já foi uma escola boa, mas hoje não dá mais. (Mãe).

Dentre o grupo que frequentou alternadamente escolas públicas e privadas, percebeu-se que os filhos mais novos foram os mais beneficiados por terem frequentado escolas particulares, por mais tempo do que seus irmãos mais velhos. Uma explicação para tal ocorrência é que, ao ter a experiência com o filho primogênito e/ou o filho do meio, os pais basearam-se nela para escolher o estabelecimento de ensino dos mais novos (GLÓRIA, 2007).

A X⁵ [filha mais velha] começou na 1ª série na pública [...]. Na 7ª ela foi pra escola particular [...]. Depois a Y foi pra particular também e o Z foi um pouquinho mais cedo [...]. No 1º ano ele já foi pra escola particular. (Mãe).

⁵ Os nomes dos filhos são indicados por iniciais maiúsculas para preservar seu anonimato.

No momento da escolha do estabelecimento escolar, a maioria dos casais levou em conta a qualidade do ensino e o fato de a escola oferecer atenção especial para os alunos, no sentido de que houvesse proximidade entre professores e discentes. Esses aspectos foram avaliados principalmente no início da escolarização e, em alguns casos, foi mantida durante todo o trajeto escolar. Todavia, no ensino médio, ao lado da qualidade da escola, o aspecto mais relevante foi que ela oferecesse boa preparação para o vestibular, o que é condizente com as aspirações parentais em relação ao futuro profissional dos filhos.

Quando eles foram pro colegial, aí a gente colocou eles numa escola particular, porque a gente já pensava na preparação pro vestibular, né, que desse uma boa base. (Pai).

Na avaliação do desempenho escolar, levando-se em conta as notas, a frequência às aulas, o número de reprovações e as dificuldades enfrentadas, de modo geral os casais consideraram que todos os filhos foram bons alunos, sem que um se sobressaísse frente aos demais.

A análise mais atenta da escolarização do conjunto dos irmãos mostra, no entanto, diferenças no desempenho escolar, que nem sempre os pais admitem de modo claro. Assim, em quatro famílias, o filho mais velho apresentou melhores resultados em todas as etapas da escolarização. Em duas famílias, as filhas mais velhas alcançaram melhor desempenho em relação aos outros irmãos e esforçavam-se para tirar notas altas e notas medianas não eram consideradas por elas como suficientes, evidenciando um grau bastante alto de exigência em relação a si mesmas. Essa diferença entre rendimento escolar tende a ser explicada pelos pais devido a peculiaridades próprias de cada uma dessas filhas.

São duas pessoas administrando o mesmo fato de formas diferentes. Ambas foram bem, mas a X [filha mais velha] administrava de um jeito que nós, de fora, sabíamos que ia bem. A Y [filha mais nova] também ia bem, mas a gente tinha que dar uns cutucões [...]. Mas é temperamento, né. (Pai).

Quando questionados a respeito do acompanhamento dos estudos e da participação nos deveres de casa, as mães foram as mais envolvidas com essas atividades, mesmo que em algumas famílias o pai também se preocupasse em participar.

Eu nunca fui de ficar em cima [...]. Nem quando eles eram pequenos [...] “se tá com dificuldade me trás pra ver, ou vamos procurar um professor pra ajudar?” [...] eu pegar o caderno, olhar, não. (Mãe).

No entanto, para alguns casais, ajudar os filhos com as tarefas escolares não era um hábito muito frequente. O pai só oferecia ajuda quando solicitado pelos filhos, mas evitava dar-lhes respostas prontas e procurava estimular o raciocínio deles, indicando livros que poderiam ajudá-los, questionando-os a respeito das dúvidas, no sentido de que eles mesmos chegassem à resposta que procuravam.

Vale ressaltar que o acompanhamento escolar dos filhos foi maior na infância, diminuindo com o passar das etapas da escolarização quando não recorriam mais ao auxílio dos pais. Atualmente, como muitos filhos estão cursando o ensino superior, o acompanhamento dos pais é ainda menor. Como constata Romanelli (2011), a influência familiar na escolarização dos filhos se dá de forma mais acentuada durante o ensino fundamental, diminuindo no ensino médio e tornando-se menos atuante no curso superior.

No começo de todo ano a gente ficava tranquilo com X [filha mais velha], porque a gente sabia que ela ia fechar bem o ano, ia passar com tranquilidade [...]. Com a Y [filha mais nova] a gente tinha a impressão que não seria, assim, tão fácil. (Pai).

Paralelamente à diversidade de situações vividas em cada família, a maioria dos casais afirmou ter dado as mesmas condições e oportunidades de estudo a cada um dos membros da fratria. De modo geral, os pais consideraram que sempre incentivaram os estudos de todos os filhos sempre dialogando com eles, mostrando a relevância do

conhecimento oferecido pela escola. Contudo, essa constatação deve ser matizada, já que uma mãe considera uma desvantagem o fato de o filho mais velho ter estudado menos tempo na rede privada de ensino, diferentemente de sua irmã mais nova. Desse modo, ela avalia que as oportunidades não foram iguais e atribui a isso o menor desempenho escolar do filho mais velho.

Só que eu acho que eu fiquei devendo pro Y [filho mais velho], porque a X [filha mais nova] teve mais escola particular do que ele. Mas eu acho assim, que em desenvoltura, eu acho que se a X e o Y estivessem em escola particular seria a mesma coisa. (Mãe).

Frente ao futuro dos filhos, os pais apontaram que não depositaram expectativas diferentes para um deles. O que sempre esperaram é que cursassem o ensino superior, como forma de garantir perspectivas de vida mais promissoras, em função da necessidade de escolarização imposta pelo mercado de trabalho. Além disso, enfatizaram que procuraram deixar os filhos livres para poderem fazer suas escolhas, sem interferir em suas decisões.

Eles têm muita capacidade pra serem muito bons profissionais, cada um na sua área [...] o que depender do desempenho deles, não vai ter problema. Não tenho essa preocupação. (Pai).

Apesar de todo o empenho dos pais em proferirem um discurso fundado na igualdade de tratamento dispensado aos filhos e do cuidado em não deixar transparecer de modo claro a eventual preferência por um deles, uma mãe declarou:

Na realidade, a mãe e o pai, eles, é... não dá pra você ser cem por cento igual com um, cem por cento igual com outro, isso aí é, sempre vai existir a sua forma de tratar um é diferente da forma de tratar o outro, porque um é diferente do outro.

Da análise do conjunto dos depoimentos, pode-se concluir que embora vivam em uma mesma família, pai, mãe e filhos de um lado

partilham algumas experiências comuns a todos, mas, de outro lado, emergem as singularidades de cada irmão e a relação diferencial dos pais em relação a eles.

Considerações finais

Pais e mães declararam que durante todas as fases do desenvolvimento dos filhos procuraram dedicar-lhes o máximo de tempo de que dispunham, apesar das limitações decorrentes das condições de trabalho. No entanto, as mães foram as que mais participaram do cotidiano dos filhos, acompanhando-os nas atividades escolares.

Em relação ao tempo dedicado a cada um dos integrantes da fratria, principalmente na infância, os casais afirmaram ter sido o mesmo, especialmente pelo curto intervalo de tempo entre o nascimento de cada um deles.

Por mais que aleguem não terem dispensado tratamento diferencial para os filhos, pais e mães acabam admitindo que o relacionamento com os integrantes da fratria foi desigual e tendem a justificar isso pelas peculiaridades de cada um deles, ou pelo *jeito de ser* de cada filho.

Como a escolarização da prole era um objeto de preocupação dos genitores, estes procuraram escolher os estabelecimentos de ensino que estivessem mais de acordo com aquilo que consideravam uma boa educação, além de incentivar os filhos para que se dedicassem aos estudos.

Ainda que tenham se esforçado para garantir as mesmas condições de escolarização para todos os filhos, além de investir nas atividades de interesses de cada um deles, pode-se notar diferenças no que diz respeito ao desempenho escolar dos irmãos. É importante considerar como o processo de escolarização do filho mais velho influenciou, de certa forma, o modo como os pais agiram em relação às oportunidades oferecidas aos demais membros da prole.

Os primogênitos foram os que apresentaram melhores desempenhos no grupo pesquisado, seguido pelos caçulas. Os fatores que parecem estar mais relacionados a essa melhor performance escolar

seriam a maior proximidade e investimento dos pais, mesmo que isso não seja claramente admitido por eles.

Nos casos em que os caçulas se destacaram nas atividades escolares, pôde-se constatar que houve maior incentivo e empenho na escolarização deles, seja através da experiência dos pais com a escolha do estabelecimento de ensino, seja por terem proporcionado ao caçula início precoce na rede privada de ensino, na qual também ingressaram mais cedo do que os irmãos mais velhos.

É importante salientar o fato de que, pelo número limitado de famílias entrevistadas, não é possível generalizar os resultados para o desempenho escolar de irmãos que integram fratrias de famílias de camadas médias. No entanto, a análise dos dados coletados mostra a importância da dinâmica familiar e da relação dos pais no desempenho escolar de cada um dos filhos e levanta uma constatação bastante relevante. O que ficou perceptível nas falas dos pais, e que nem sempre foi claramente explicitado por eles, é que estabelecer comparação entre os filhos é algo que gera dificuldade, uma vez que, tanto o pai quanto a mãe, esforçaram-se para proporcionar à prole as mesmas oportunidades de escolarização. Assim, admitir que um dos filhos foi beneficiado em relação a outros entra em contradição com uma representação amplamente difundida de que os pais, além de terem os mesmos deveres para com todos os integrantes da fratria, devem amá-los e tratá-los do mesmo modo. No entanto, preferências parentais podem ocorrer e se expressar conforme a ordem de nascimento dos filhos, além de que pode haver estímulo e incentivo maior no processo de escolarização de alguns deles. Desse modo, o empenho em ocultar tal preferência acaba por ser inútil, uma vez que os filhos percebem as escolhas afetivas dos pais.

Visto que há diferenças entre os irmãos, no que diz respeito ao desempenho escolar, pode-se considerar a maneira bastante particular como se dá a vivência de cada um deles no interior da fratria e dentro da família, que demandam novas pesquisas para melhor se entender como essas diferenças se constituem e como se expressam no decorrer da trajetória da vida doméstica.

SIBLINGS SCHOOLING PROCESS ACCORDING TO THEIR POSITION IN THE PHRATRY

Abstract: The relationship between parents and their children tend to manifest itself in specific ways according to the order of children birth, which are the phratry, set of siblings, sons of the same father and mother. As a result, schooling process and children school performance can be differentiated according to their sibling position. This study aimed to examine how socialization is made and the schooling process according to birth order of each member of the phratry of eight families from Ribeirão Preto-SP, with more than two children between 15 and 25 years, attending high school or higher. Data were collected through recorded interviews with mothers and fathers according to a semi-structured guide. Data analysis indicates better school performance by the first born and parental difficulty in establishing a comparison between the children since parents strive to provide to their children the same educational opportunities.

Keywords: Children education. Family. Phratry. Siblings. Birth order.

Referências

ALVES, F. Escolhas familiares, estratificação educacional e desempenho escolar: quais as relações? **Dados. Revista de ciências sociais**, v. 53, n. 2, p. 447-468, 2010.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROSO, M. Fratrias e gênero. Contributos para uma análise sociológica das relações fraternais. In: **VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**. Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/550.pdf>>. Acesso: 21 out. 2011.

BITTENCOURT, A.B. Educação escolar. Um compromisso da família com a Igreja. In: ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). **A escolarização das elites**. Um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 148-168.

BLACK, S. E.; DEVEREUX, P. J.; SALVANES, K. G. **The more the merrier?** The effect of family composition on children's education. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2004.

CIA, F; PAMPLIN, R. C. O; WILLIAMS, L. C. A. O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 351-360, abr/jul. 2008.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1997.

CANÊDO, L. B. Gestão familiar da escola e aprendizagem das habilidades para o ofício da política. In: ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). **A escolarização das elites**. Um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 76-100.

DESPLANQUES, G. La chance d'être ainé. **Économie et statistique**. n.137, p. 53-56, 1981.

DURHAM, E. R. Família e reprodução humana. In: DURHAM, E. R. et al. **Perspectivas antropológicas da mulher 3**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983, p. 15-43.

FERNANDES, O. M.; ALARCÃO, M.; RAPOSO, J. V. Posição na fratria e personalidade. **Estudos de psicologia**, v. 24, n.3, p. 297-304, jul./set. 2007.

GLÓRIA, D. M. A. Relação entre escolaridade e diferenças constitutivas das fratrias. **Paidéia**, v. 15, n. 30, p. 31-42, 2005.

GLÓRIA, D. M. A. **Uma análise de fatores sociodemográficos e sua relação com a escolarização dos filhos em famílias de camadas médias**. Belo Horizonte, Tese (Doutorado em Educação). UFMG, Faculdade de Educação, 2007.

GRÜN, R. Dinheiro no bolsa, carrão e loja no shopping: estratégias educacionais de reprodução social em famílias de imigrantes armênios. In: ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). **A escolarização das elites**. Um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 66-75.

KRISTENSEN, P.; BJERKEDAL, T. **Explaining the relation between birth order and intelligence**. National Institute of Occupational Health, N-0033 Oslo, Norway. Disponível em: <www.sciencemag.org/cgi/content/full/316/5832/1717/DC1>. Acesso: 27 jul. 2007.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MAGALHÃES, M. O. Relação entre ordem de nascimento e interesses vocacionais. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 203-210, abr./jun. 2008.

NOGUEIRA, M. A. Estratégias de escolarização em famílias de empresários. In: ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). **A escolarização das elites**. Um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 49-65.

_____. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Análise Social**, v. XL, n. 176, p. 563-578, 2005.

_____. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e realidade**. v. 31, n. 2, p. 155-170, 2006.

_____; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). **Família e escola**: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PEREZ, M. C. A. **Infância, família, escola**: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares. São Carlos: Suprema, 2007.

_____. Relação família-escola: a escolarização das crianças das camadas populares. In: PINHO, S. Z. de. (Org.). **Formação de educadores**. O papel do educador e sua transformação. São Paulo: Ed.UNESP, 2009, p. 383-396.

ROMANELLI, G. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. In: ZAGO, N.; CARVALHO M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 245-264.

_____. Pais, filhos, alunos: famílias de camadas populares e a relação com a escola. In: PINHO, S. Z. de. (Org.). **Formação de educadores**. O papel do educador e sua transformação. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 371-382.

ROMANELLI, G. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). **Família e escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 99-123.

SAMPAIO, I. T. A. Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: uma atualização. **Revista brasileira crescimento e desenvolvimento humano**. v. 17, n. 2, p. 144-152, 2007.

SETTON, M. da G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

SINGLY, F. de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola**. Desafios e perspectivas. Brasília: Plano Editora, 2001.

TAVARES, M. B. et al. Características de comportamento do filho único vs filho primogênito e não primogênito. **Revista brasileira de psiquiatria**, v. 26, n. 1, p. 17-23, 2004.

VIANNA, M. J. B. As práticas socializadoras familiares como *locus* de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. **Educação e sociedade**. v. 26, n. 90, p. 107-125, 2005.

Artigo recebido em: 2/12/2011

Aprovado para publicação em: 16/12/2011